

Recessão dribla teorias econômicas

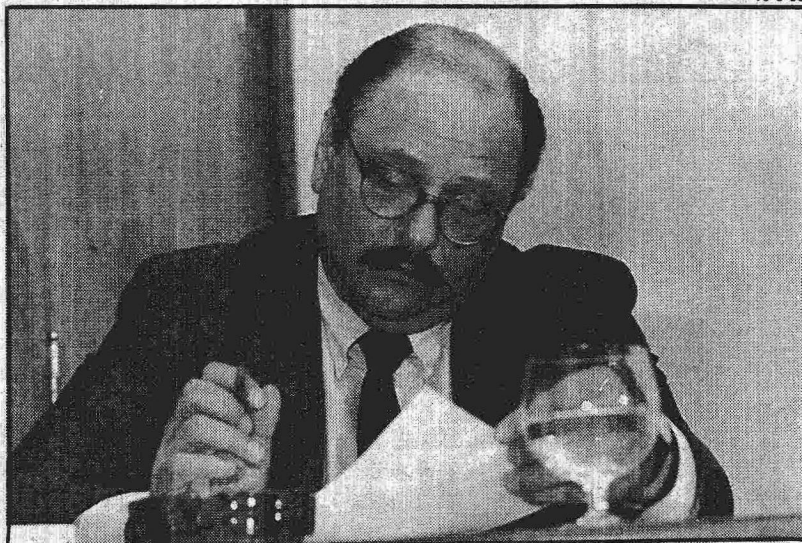
LIANA MELO

A larga experiência do economista Dionísio Carneiro, da PUC, não está sendo suficiente para ajudá-lo a administrar as suas próprias receitas e despesas. Afogado em números e em aulas de Economia, ele acaba admitindo que, desta vez, seus ensinamentos vão se limitar à Universidade: é que Dionísio Carneiro é mais um dos brasileiros que usará seu décimo-terceiro salário para acertar as contas. Ele não está conseguindo se capitalizar para enfrentar a recessão com tranquilidade e, muito menos, transformá-la em um bom negócio.

Assim como Dionísio Carneiro, muitos outros acadêmicos e profissionais da área financeira, que, na teoria, seriam as pessoas mais indicadas para orientar sobre as melhores formas de se enfrentar a recessão, na prática acabam não conseguindo achar fórmulas para resolver um problema cada vez mais complicado na sua vida particular, sempre que se aproxima o dia 30: sobra mês e falta salário.

O consultor de finanças Carlos José Azevedo, da Arthur Andersen, é exceção a esta regra. Ele está conseguindo transformar a recessão em um excelente negócio: basta se preparar com antecedência, investir enquanto os juros estão altos e adiar as compras para quando as empresas, pressionadas pela queda de vendas, forem obrigadas a baixar seus preços. Azevedo não só está dando essa orientação aos seus clientes, como tem seguido à risca a receita.

— Estou investindo tudo o que posso e adiei para depois de janeiro a troca do meu carro por um zero quilômetro — disse o consultor, acrescentando que os períodos de recessão favorecem a compra de carros e imóveis. — O melhor termôme-



Dionísio Carneiro: conhecimento teórico não funciona em causa própria

tro para saber o momento certo de consumir é mesmo o Natal: se o desempenho das vendas natalinas for negativo, as empresas serão obrigadas a remarcar mais cedo para fazer caixa. E nesta hora que o consumidor capitalizado pode transformar a recessão em um bom negócio.

Mesmo admitindo que os salários atuais não permitem grandes depósitos em poupança, Azevedo e o Diretor da Atlantic Capital, Gregório Stuckart, concordam que o momento é favorável a aplicações em ativos financeiros e recomendam só consumir no auge da recessão, quando as empresas queimarão estoques.

Apesar de conviver diariamente com clientes ávidos por conselhos sobre o melhor investimento e em meio a campanhas publicitárias incentivando a poupança, o gerente de

uma das agências do Banco Nacional não tem mais dúvidas do destino que será dado ao seu décimo-terceiro salário: parte será usado para saldar dívidas e o restante para consertar o carro. Poupança que é bom, ele não terá condições de fazer.

— Com o décimo-terceiro, não terei condições nem mesmo de acertar minhas contas. Estou “enforcado” — lamenta o Agente Patrimonial do BNDES, Willian de Souza, que trabalha no banco há dez anos.

O fato de trabalhar diariamente com economistas de várias correntes — só está semana, Willian se encontrou com Mário Henrique Simonsen e Aloísio Mercadante — não tem sido suficiente, no entanto, para clarear as dúvidas de Willian sobre como esticar o salário para durar até o final do mês.

10-6-89